



TENSÃO NO ORIENTE MÉDIO

Hamas anuncia suspensão, por tempo indeterminado, da libertação de reféns israelenses. Em resposta, governo de Netanyahu coloca tropas em alerta. Trump reafirma que palestinos não poderão retornar à Gaza após desocupação

Cessar-fogo ameaçado

A frágil trégua entre o Hamas e Israel ficou, ontem, mais vulnerável depois de o movimento islamista anunciar o adiamento por tempo indeterminado da próxima libertação de reféns, parte essencial do cessar-fogo pactuado no mês passado. A decisão do grupo radical despertou a ira do governo de Israel, que aumentou o nível de alerta, determinou ao exército se preparar para “todos os cenários” e reforçou a presença militar na área do entorno da Faixa de Gaza.

“A libertação dos prisioneiros, que estava programada para o próximo sábado, 15 de fevereiro de 2025, será adiada até novo aviso, dependendo do cumprimento do que foi acordado pela ocupação e dos compromissos retroativos das últimas semanas”, declarou Abu Ubaida, porta-voz das Brigadas Al Qasam, o braço armado da facção islamista, em um comunicado. “Reafirmamos o nosso comprometimento com os termos do acordo, desde que a ocupação o cumpra”, acrescentou.

O ministro israelense da Defesa, Israel Katz, reagiu, denunciando uma “violação total do acordo de cessar-fogo e de libertação dos reféns”. Katz afirmou, também em nota, a ordem de mobilização das tropas.

O gabinete do primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu, declarou, por sua vez, que todos os parentes dos reféns foram comunicados a respeito do anúncio do Hamas. O Fórum das Famílias “solicitou assistência aos países mediadores para ajudar a restabelecer e aplicar o acordo existente”. Até o momento, os milicianos do Hamas libertaram 16 reféns israelenses em troca de centenas de prisioneiros, na sua maioria palestinos, detidos em Israel.

“Inferno”

Principal aliado de Israel, o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, classificou como “terrível” a ameaça do Hamas e disse que vai provocar um “inferno” se não “trouxerem todos de volta antes do meio-dia de sábado”. Ele assinalou que Netanyahu deveria “cancelar” a trégua se esse prazo não for cumprido.

Trump adicionou ainda ainda mais tensão à situação ao falar, novamente, sobre a sua controversa proposta de transformar



Do alto de prédio danificado, palestino a Cidade de Gaza em ruínas: impasse no armistício



Refém israelense, ladeado por combatentes armados, antes da libertação: Netanyahu se indignou

a Faixa de Gaza em uma espécie de Riviera do Oriente Médio. Em entrevista ao canal Fox News, o chefe da Casa Branca reafirmou que os palestinos não terão direito de voltar ao enclave após a desocupação e transferência do controle do território

para os norte-americanos. “Não, eles não teriam (retorno), porque terão moradias muito melhores”, disse Trump. “Em outras palavras, estou falando em construir um lugar permanente para eles”, insistiu.

O líder republicano afirmou

que os Estados Unidos construiriam “comunidades lindas” para mais de 2 milhões de palestinos. “Podem ser cinco, seis, podem ser duas. Vamos construir comunidades seguras, um pouco mais distantes de onde estão agora, onde está todo

o perigo”, acrescentou o presidente na entrevista. “Temos que ver isso como se fosse um empreendimento imobiliário para o futuro. Seria uma terra linda. Não seria necessário gastar muito”, garantiu.

No domingo, Netanyahu classificou a proposta do norte-americano como “revolucionária”. “O presidente Trump veio com uma visão completamente diferente, muito melhor para Israel”, elogiou. Mas grande parte dos países reagiu com indignação. Ontem, o magnata republicano ameaçou suspender as ajudas para Egito e Jordânia, caso não acolham palestinos, como previsto em seu projeto de realocação. A ONU e analistas internacionais já alertaram para o risco de uma limpeza étnica.

Negociações

As declarações de Trump e os embates entre Israel e Hamas ocorrem em meio ao início das negociações para definir a eventual segunda fase da trégua. Desde o início do cessar-fogo, em 19 de janeiro, 16 reféns israelenses

» Oposição pressiona

A oposição israelense acusou o governo de “enterrar” a formação de uma comissão de investigação sobre as circunstâncias do ataque do Hamas em 7 de outubro de 2023, uma reivindicação que o Executivo já havia se recusado a atender. “Eles não querem que saibamos que o primeiro-ministro (Benjamin Netanyahu) viu as recomendações dos serviços de inteligência e não se importou. Não querem que lembremos que sua política era fortalecer o Hamas”, disse o líder da oposição no Parlamento, Yair Lapid. Junto a algumas ONGs, as famílias dos reféns também pedem a criação de uma comissão nacional de investigação do ataque. Em 11 de setembro do ano passado, a Suprema Corte determinou que, num prazo de 60 dias, o governo deveria decidir se criaria o órgão. O prazo foi ignorado. Autoridades se reuniram, finalmente, no domingo passado, sem chegar a uma conclusão.

foram libertados em troca de 765 prisioneiros, em sua maioria palestinos. Segundo o acordo, outros 17 reféns deveriam ser libertados antes do fim da primeira fase do armistício, de 42 dias.

A segunda etapa, já comprometida, deveria levar à libertação de todos capturados pelo Hamas e ao fim definitivo da guerra. Os reféns foram sequestrados em 7 de outubro de 2023 por combatentes islamistas durante seu violento ataque no sul de Israel, que desencadeou o conflito.

No sábado passado, Basem Naim, membro do comitê político do Hamas e ex-ministro da Saúde em Gaza, acusou Israel de colocar a trégua “em perigo”. Em entrevista à agência France Presse (AFP), ele destacou que o apaziguamento “poderia ser interrompido e fracassar”.

No mesmo dia, três reféns israelenses, abatidos, foram libertados em uma nova cerimônia organizada pelo Hamas em troca de 183 palestinos. Netanyahu disse que as imagens eram “chocantes” e prometeu, mais uma vez, “eliminar” o Hamas e levar de volta os reféns ainda cativos.

Luto na Guatemala



Pelo menos 50 pessoas morreram num acidente rodoviário na entrada norte da Cidade da Guatemala. Um ônibus que transportava cerca de 70 passageiros caiu de um barranco, no meio da vegetação e de um rio de águas residuais. O veículo ficou destruído, com as rodas para cima. Segundo as autoridades, o ônibus fazia a rota entre San Cristóbal Acasaguastlán (nordeste) e a capital do país. O motorista aparentemente perdeu o controle do ônibus, colidiu com vários aparos, quebrou uma cerca de metal e caiu em um precipício de aproximadamente 20 metros, segundo Carlos Hernández, dos Bombeiros Municipais. O presidente guatemalteco, Bernardo Arévalo, expressou sua consternação e solidariedade às famílias das vítimas e decretou luto nacional.

EQUADOR

Promessa de segundo turno agitado

O inesperado resultado do primeiro turno das eleições presidenciais no Equador, um país dividido e assolado pela violência do narcotráfico, anuncia uma disputa acirrada nos próximos dois meses — os eleitores retornam às urnas para a decisão final em 13 de abril. Com 93% das urnas apuradas, havia um empate técnico entre o presidente Daniel Noboa (44,26%) e a esquerdista Luisa González (43,84%). O líder indígena Leonidas Iza obteve 5,30% dos votos.

“Vencemos o primeiro turno contra todos os partidos do Velho Equador”, celebrou, ontem, o governante de 37 anos, que esperava sair reeleito no domingo. Luisa González, por sua vez, afirmou que a eleição foi “uma luta de Davi contra Goliás”.

Os dois presidenciais repetirão o duelo das atípicas eleições de 2023, nas quais Noboa se tornou um dos presidentes mais jovens do mundo. “Os resultados foram realmente surpreendentes. Os candidatos estiveram



Nas bancas, surpresa com o empate entre Noboa e Luisa González

praticamente lado a lado”, disse à agência de notícias France Presse o jovem Ronald Armas, em Quito. Ontem, os jornais destacavam o resultado apertado: “Aos pênaltis em abril!”, estampava um deles.

Os equatorianos chegaram ao primeiro turno da eleição pressionados por uma crise econômica e presos no fogo cruzado

de gangues criminosas que disputam o controle do tráfico de cocaína. A população sente os impactos de um Estado endividado, com uma taxa de pobreza de 28% e concentrado em financiar a custosa guerra contra o narcotráfico.

Em 2023, o país registrou o recorde de 47 homicídios para cada

100 mil habitantes, mas, após 14 meses do governo de Noboa, essa taxa caiu para 38/100 mil. “A população ainda não soube avaliar tudo o que está acontecendo em termos de segurança, economia, trabalho e emprego”, afirmou Wilson Bravo, em Quito.

Herdeira política do ex-presidente socialista Rafael Correa (2007-2017), González briga para se tornar a primeira mulher presidente eleita do Equador. “Espero que, no Equador, eles gritem em breve ‘presidenta com A’ e que as relações México-Ecuador possam ser restabelecidas”, disse, ontem, a presidente mexicana, Claudia Sheinbaum.

Os dois países romperam após uma operação policial ordenada por Noboa na embaixada mexicana em Quito para prender o ex-vice-presidente correísta Jorge Glas. A operação foi condenada por dezenas de países e rendeu ao Equador uma ação judicial na Corte Internacional de Justiça. Glas está sendo investigado por corrupção.